RAIVA CANINA: COMO ESSA DOENÇA PODE SER TRANSMITIDA AOS ANIMAIS E AOS SERES HUMANOS

Autor(res)

Karina Rodrigues Gomes
Elisa Lemes Neves
Grazielle Braga Bonato
Ana Paula Silva Morais
Isabella Dias Leonel
Ana Paula De Souza Damacena
Patricia Kretschmer Dos Santos
Thays Martins Guimarães
Brunna Alves Faria

Categoria do Trabalho

Iniciação Científica

Instituição

UNIVAR - CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA

Introdução

A raiva, também denominada encefalite rábica ou hidrofobia, é uma zoonose de elevada importância em saúde pública, marcada por sua alta letalidade e ampla distribuição geográfica, acometendo todos os mamíferos, inclusive os seres humanos. O agente etiológico é um vírus do gênero Lyssavirus, pertencente à família Rhabdoviridae, que apresenta tropismo pelo sistema nervoso central e desencadeia manifestações neurológicas graves, invariavelmente fatais na ausência de intervenção profilática adequada.
Em 1885, o cientista francês Louis Pasteur desenvolveu o primeiro protocolo de tratamento pós-exposição. A evolução da doença é rápida, levando ao óbito em quase 100% dos casos, o que reforça a importância da prevenção e do controle. Desse modo, os cães desempenham um papel relevante na transmissão da raiva, uma vez que, além da convivência próxima com os seres humanos, nessa espécie a doença costuma manifestar-se na forma furiosa, caracterizada principalmente pela agressividade, o que aumenta o risco de ataques a pessoas. As pesquisas foram baseadas em artigos científicos, revistas científicas e em dados do Ministério da Saúde. A proposta a seguir vai propor meios de prevenção da transmissão da raiva canina e conscientizar a população sobre cuidados com a doença.

Objetivo

O objetivo principal deste estudo é investigar os mecanismos de transmissão da raiva entre animais e seres humanos, destacando os fatores de risco envolvidos, a gravidade da doença e a importância da conscientização pública, bem como da adoção de medidas preventivas eficazes para reduzir a ocorrência de exposições ao vírus.

Material e Métodos

Para apresentar este estudo foram utilizados métodos de pesquisa como artigos científicos, revistas científicas e dados publicados pelo Ministério da Saúde. As informações foram selecionadas a partir de publicações dos últimos cinco anos, a fim de garantir maior atualização e relevância dos dados. Além disso, foram consultados documentos oficiais, como manuais técnicos e boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS), que fornecem dados estatísticos e diretrizes sobre a raiva em cães e sua relação com a saúde pública.

Resultados e Discussão

A transmissão da raiva ocorre predominantemente por meio do contato direto com secreções infectadas, sendo a forma mais frequente a inoculação do vírus por meio de mordeduras de animais ou de feridas abertas na pele ou em mucosas. Em situações menos comuns, a contaminação pode se dar por inalação de aerossóis contendo o agente viral ou pela realização de transplantes de tecidos provenientes de indivíduos infectados. A análise detalhada da doença é fundamental para a definição de protocolos pós-exposição adequados e para a implementação de estratégias de prevenção baseadas em dados epidemiológicos confiáveis. Apesar da existência de métodos laboratoriais para detecção do vírus, o diagnóstico clínico permanece essencial, uma vez que as manifestações iniciais da raiva são inespecíficas e de difícil reconhecimento. Com a progressão da enfermidade, sinais neurológicos característicos, como aerofobia, hidrofobia e alterações comportamentais, permitem ao médico veterinário levantar a suspeita clínica de forma fundamentada, orientando a tomada de decisões rápidas e seguras para proteção da saúde pública e do bem-estar animal.

Conclusão

A raiva é uma enfermidade grave, de evolução acelerada e com alta letalidade, o que reforça a necessidade de conscientizar a população acerca de suas formas de transmissão. A difusão de informações precisas sobre os riscos, vias de contágio e medidas a serem adotadas após a exposição é indispensável para a prevenção e o controle da doença. Nesse contexto, a educação em saúde configura-se como instrumento essencial, capaz de salvar vidas por meio do acesso ao conhecimento.

Referências

CÔRTES, Valdson de Angelis. Diagnóstico laboratorial da raiva natural em cães: estudo comparativo entre as técnicas da imunofluorescência direta e de inoculação intracerebral em camundongos. 2018. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) — Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-24082018-171012/pt-br.php. Acesso em: 21 ago. 2025.

FERREIRA, A. L. A. et al. Raiva Canina: revisão de literatura. Revista Urcamp, Rio Grande do Sul, v. 18. 2024.

HOINEFF, J., ALMEIDA, V. R., SALES, M. G. F. Revisão bibliográfica das alterações histológicas na raiva. Acta MSM: Periódico da Escola de Medicina Souza Marques, Rio de Janeiro, v.8, n. 1, p. 32-38, 2020. Disponível em: https://revista.souzamarques.br/index.php/ACTA_MSM/article/view/480

MORANDI, N. M. G., GOMES, D. E. RAIVA ANIMAL – UMA REVISÃO. Revista Científica Unilago, [S. l.], v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/367.